



José Fonseca e Costa – na Primeira Pessoa

Casa da Ínsua, 30 de Julho de 2009, inauguração

Quais são as memórias que tem aqui da Casa da Ínsua, da quinta?

Para já era uma casa extraordinária, uma casa invulgar. Não é muito comum haver em Portugal casas como a Casa da Ínsua. Depois eu era garoto e o meu pai era de Silgueiros e a minha família da parte do meu pai era de Silgueiros e nós passávamos férias ali. E às vezes ouvíamos falar da Ínsua e vínhamos à Ínsua, e nessa altura por intermédio de um primo meu tínhamos a possibilidade de entrar aqui, olhávamos para isto e era uma maravilha, mas era uma maravilha que estava um bocadinho... era uma espécie de mistério, uma coisa fechada, esquisita, estranha. Até que houve um incêndio, aquele incêndio e de repente ficámos com a ideia que isto tinha sido abandonado, o incêndio foi uma coisa misteriosa, só mais tarde é que eu vim a descobrir que uma das razões possíveis do incêndio foi o facto de terem aberto a casa a um inglês que andava a fazer uma história para uma revista qualquer, chamada Casas Célebres da Europa, e terá descoberto riquezas que havia aqui e que terá arranjado maneira de sorripiar algumas provocando o incêndio. Isto confere? É mais ao menos! Só mais tarde é que vim a saber isso.

Isto para mim era uma casa extraordinária e de cada vez que eu vinha aqui, havia aqui assim um senhor na porta, que aliás quem agora trata da propriedade, quem tratava da porta era o filho dele o António...

O pai do António?

O pai do António era um homem extraordinário, admirável. Não imagina. Conheceu-o? Eu conheci-o, Era um homem extraordinário, de uma enorme afabilidade, mas beirão, com aquela cara fechada e tal e o diabo... mas falando connosco deixava-nos entrar, visitávamos os jardins... entrar na casa é que não. Eu só abro a porta...

Nem eles entravam...

Não, mas repare, ele abria-nos a porta para a gente ver o hall de entrada, coisa que não fazia a ninguém mas a nós deixava. Depois, mais tarde, entrei na casa uma vez ou duas. Isso já era mais velho, fim da adolescência, princípio da idade adulta, talvez. Mas o incêndio entretanto, já tinha sido recuperada aquela parte nova da casa e aquilo que se via era praticamente só esse lado. Lembro-me de ter entrado uma vez na sala dos retratos, não me lembro de mais nada. Depois passaram-se muitos anos.

Nunca chegou a visitar a parte das adegas? Lembra-se então como era a adega original?

Não, visitei a parte das adegas. Era uma coisa extarordinária, que terá sido alterada com a vinda para esta casa de um senhor, que eu acho que era um famoso árbitro de futebol, o Inácio Almeida que era também engenheiro agrónomo e foi contratado para vir para aqui e que deu cabo daquilo para fazer uma coisa moderna num sítio onde não devia ter tocado, acho eu.

Pois pelo que me contam a adega era excepcional!

Não, não. Eu vi o que era. Era uma maravilha, era uma coisa extraordinária. Aliás quando eu vim para cá. Depois, já agora conto-lhe o resto, porque o resto é interessante. Quando eu quis fazer este filme pensei na Casa da Ínsua imediatamente. e vim aqui. E vim aqui e consegui falar com o Vicente, que na altura era muito mais novo, isto já foi há sei lá quantos anos, isto levou anos ham. E o Vicente recebeu-me, acolheu-me muito amigavelmente, mostrou-me a casa toda, e disse-me vai ser difícil que o meu pai é uma pessoa complicada, mas eu vou falar com ele e levava muito em gosto que você filmasse cá, e tal e o diabo, espere um tempo que a gente vai conseguir isto. Deu-me a entender que conseguiríamos.

Três semanas depois telefona-me a dizer, olhe o pai... ele tem um feitio horrível, é uma coisa... e já disse que não, de maneira que esqueça isto. Eu vou à procura de outra casa. Até que um belo dia soube que a Casa...

Chegou a haver uma hipótese para filmar numa casa em Braga?

Não. Era em Ponte de Lima. Tinha já tudo praticamente arranjado para ir para Ponte de Lima. E de repente eu soube num encontro havido em Lisboa, para fazer propaganda dos vinhos do Dão. E tenho primos que são produtores de vinhos do Dão. Eu soube que a Casa da Ínsua tinha sido entregue à Visabeira e olhe foi a sorte grande que me saiu na vida.

Porque a Visabeira pôs-me... ouça eu nunca na vida tinha tido uma casa à minha disposição para filmar desta maneira, não é, puseram tudo à minha disposição. A casa tinha sido, enfim, tinha sido despojada de alguns dos móveis pelos seus proprietários que levaram daqui aquilo que entenderam, mas ainda cá ficaram muitas coisas, algumas coisas bem preciosas. Eu tive que compor a casa de acordo com a estrutura do filme e com as necessidades que tinha para que as pessoas pudessem representar e, bom, pude filmar aqui assim como se fosse um estúdio, tive tudo à disposição. As pessoas da Visabeira foram absolutamente extraordinárias. Eu nunca tinha tido condições para filmar assim como filmei aqui.

Aconteceu depois uma coisa engraçada. A casa vista quando eu a vim ver, pela mão do Vicente, muitos anos depois, estando ele aqui, olhe foi durante o dia, um dia aprazível, bonito e tal, não sei quê... olhei para a casa, maravilha, coisa extraordinária, está tudo muito bem conservado. Mas isto eram as aparências...

Quando cheguei cá para filmar e comecei a olhar para tudo em pormenor, isto era uma ruína. Era uma ruína! E eu, enfim, pensei estes senhores da Visabeira devem ser loucos, vão tomar conta de uma coisa que têm que refazer de alto a baixo. Isto tem que ser feito.... Imagine por exemplo o que é a sala dos retratos, muitas das cenas do filme passavam-se ali naquela sala. Imagine o que é eu estar lá e estou ali um dia e começo a olhar para aquele magnífico tecto. E que maravilha, eu tenho que filmar isto, chamei o director de fotografia, quando ele chegou expliquei-lhe como é que era o plano e começámos a por as luzes. Bom, quando começámos a por as luzes ficaram a ver-se todas... ouça... era uma ruína! Era uma ruína, isto estava em ruínas. O que não estava em ruínas era o jardim francês e aqui este bosque, inglês. O resto estava em ruínas. Depois visitei a quinta toda, porque de facto a Visabeira pôs tudo à minha disposição. Isto foi meu durante três meses. Foi meu durante três meses, foi meu. Espero que eles não levem a mal que eu diga isto mas durante três meses foi meu.

Foi devolvido, não há problema, E foi devolvido com mais valia!

Visitei tudo e mais alguma coisa com a ajuda do preciso António, que é uma magnífica pessoa com o pessoal daqui que é extraordinário, todos eles. E dei-me conta, por exemplo, do estado lamentável em que estava esta magnífica mata, que é uma maravilha, com todos os seus recantos. Agora têm a grande e grave responsabilidade de refazer tudo aquilo. Isto ficará um paraíso se o refizerem. Eu espero que o refaçam não é? Ouça, quando eu me dei conta do estado em que estava a mata, foi talvez o que me entristeceu mais, porque a gente visitando o jardim francês e isto e aquilo, que maravilha que é. Imagine o que é, que horror... Isto era tudo precioso e estava tudo num estado lamentável.

Quando vinha cá, quando era mais novo, nunca chegou a essa parte?

Ali nunca cheguei a entra. Sabe porquê? Porque a gente via de fora. Os portões disto eram magníficos. Conhece o portão da sereia? É que isto tem duas zonas, está cortado ao meio por uma estrada. Mas isto dantes era tudo unido. Aquele portão da sereia era uma maravilha.

Agora eu não sei se deva contar uma coisa que é desagradável para os proprietários... Vou-lhe dizer. Havia cenas do filme que se passavam em exterior e uma delas, um duelo, dáva-me jeito filmar num local que eu descobri na outra mata. Fui lá levado por alguém, que eu não vou dizer quem é, não é? Escolhi o local, e ele disse esteja descansado que eu falo com o Dr. Vicente e isto arranja-se. Bom, está bem, este aqui é o local indicado e ideal e eu nem sequer vou filmar no portão, aquele portão é uma maravilha. É uma obra-prima. Pena que aquilo não seja vosso para vocês reconstruírem aquilo. Aquilo é uma maravilha, uma obra-prima. Quis filmar ali a entrada da carruagem saía por ali. Imagine que, olhe, que me foi negado! Para filmar em exterior! Caramba, numa mata! Uma coisa... uma mata onde não há ninguém, não há lá nada.

Não pude filmar, mas ouça, sabe, a gente tem que puxar pela imaginação, puxei um bocadinho e vi aqui assim no jardim, filmei uma cena que ficou muito melhor do que ficaria se tivesse filmado na mata. Na mata ficava mais carregada menos despojada do que está no filme. E como está no filme é que está bem.

E qual foi a cena?

A cena do duelo, aquele duelo deles dois que é uma coisa de um cómico irresistível para fazer espetáculo... que aliás é um actor extraordinário. Quando nos ensaios, pela primeira vez, eu expliquei a cena aos dois actores, primeiro disparas tu depois disparas tu e tal, eu nunca pensei que ele caísse daquela maneira. Foi uma coisa! Ficámos todos, pensámos logo o homem morreu! Ele é australiano de nascimento, polaco de origem, mas foi educado na Europa, foi educado entre Londres e Munique, agora vive entre Portugal, Munique, Londres e faz teatro, cinema, é um performer. E prepara o seu físico para aquilo, ele é um verdadeiro atleta. Ele faz aquilo e não se aleija. Tá ver? De maneira que filmámos cinco ou seis vezes e ele fez sempre igual. E de facto tem muita graça. Pronto. Ele faz aquilo bem. Pronto foi com vantagens, foi tudo filmado aqui. Aquilo foi tudo filmado aqui.

Menos o cemitério!

Menos o cemitério. Ouça, primeiro aqui não havia cemitério. E depois havia um cemitério na terra do meu pai, onde está sepultada uma parte dos meus antepassados. No mosteiro de Silgueiros, que já está desafectado do culto. Mas onde ainda há restos de familiares meus que têm lá lápide e tudo. A Rita... Rita Augusta da Fonseca, que era para aí uma trisavó minha ou qualquer coisa. E filmámos lá em Silgueiros. Foi entre Silgueiros, e aqui assim, a Ínsua.

E digo-lhe que foram três meses formidáveis. As primeiras três semanas um tempo admirável e de repente, pumba, isto virou, virou do avesso, chuva, tempestade, não sei quê. Olhe a cena do duelo foi filmada a chover, com chuva miudinha e tal, mas com as luzes não parece, não se nota.

Mas no princípio do filme quando a carruagem entra à chuva, isso é chuva falsa?

Não, isso é chuva fictícia. É chuva falsíssima. Vieram os bombeiros, foi chuva dos bombeiros. Mas sabe, nos filmes é sempre assim, filmar com chuva verdadeira não dá. A chuva é sempre falsa.

Porque que é que as memórias que tinha da ínsua faziam com que quizesse fazer o filme aqui?

Sabe uma coisa, tem a ver primeiro com a história, a história que eu ia contar era uma história que era inspirada em factos que aconteceram na realidade. Não aconteceram daquela maneira, depois eu depois eu inventei uma coisa completamente diferente. Mas aquela senhora existiu e de facto tinha o péssimo hábito de matar alguns maridos moendo cristal nos copos. Dois pelo menos matou assim. Agora a história não é exactamente aquela, aquela é uma história um bocadinho delirante e a partir de certa altura totalmente reinventada. Eu não visava com o filme, nem reconstituir costumes da Beira Alta, de modo nenhum, nem estar a fazer a história da vida de ninguém, é uma coisa completamente inventada.

A ideia de filmar aqui tem a ver com, oiça, com no fundo, a minha infância, com a minha adolescência, com o que eu conhecia da Beira Alta, com o facto de eu conhecer esta casa e ter dela uma ideia de que era a melhor casa que eu conhecia, nunca tinha visto nada assim. Já viu os solares portugueses não têm nada a ver com esta casa, isto é uma casa que quando olha para a traça dela, isto faz lembrar um castelo, um chateaux francês, não é?

Acho que esse era o objectivo dos Albuquerque!

Terá sido. Terá sido... Se olhar para a parte da frente, sim, se olhar para a parte de trás talvez não. Não sei. Não é? Porque são duas coisas completamente diferentes.

Agora, hoje tive a grata e agradável surpresa de verificar que a casa foi recuperada de acordo com a traça o que é uma coisa extraordinária, não é? Como eu sou desse ponto de vista absolutamente conservador, acho que o património é para respeitar, eu sou contra intervenções de arquitectos, sabe? Acho que, por exemplo, em Lisboa está a pensar fazer-se uma intervenção na Praça do Comércio. A Praça do Comércio foi concebida por um dos maiores arquitectos que viveram neste país, foi o Carlos Mardel. E é como tal que deve ser mantida, em respeito absoluto, pela traça original dele. Qualquer intervenção, eu sou contra. Eu digo os arquitectos que intervenham naquilo que eles próprios fazem, em coisas do passado é melhor não intervirem.

Muito obrigado.

Eu é que agradeço.

Falei de mais? Não é?

in Casa da Ínsua – Inauguração e Abertura em 30 de Julho de 2009

José da Fonseca e Costa

Caála, Angola, 27 de Junho de 1933 – Lisboa, 1 de Novembro de 2015

Grande Oficial da Ordem do Infante D. Henrique (9 de Junho de 1995)

Nasceu em Angola, em 1933, veio para Lisboa, em 1945, frequentou a Faculdade de Direito, entre 1951 e 1955. Foi membro da direcção do Cineclub Imagem, fez crítica cinematográfica nas revistas "Imagem" e "Seara Nova", traduziu, para a editora Arcádia, livros de Sergei Eisenstein, Guido Aristarco, Cesare Pavese e Alba de Cespedes. Em 1958, concorre para assistente de realização na RTP, classificado em primeiro lugar é impedido de entrar na empresa. Em 1960, é-lhe recusada uma bolsa do Fundo Nacional de Cinema. Em 1961, fixa-se em Itália onde é estagiário de Michaelangelo Antonioni. Em 1964, de novo em Portugal produz diversos filmes publicitários e vários documentários sobre indústria e turismo entre 1966 e 1972. Em 1972, estreia-se como realizador com "O Recado". A seguir ao 25 de Abril participa no filme colectivo "As armas e o Povo" de 1975. Filma "Os Demónios de Alcácer Kibir" em 1975. Regressa ao documentário com "Independência de Angola – os Acordos de Alvor, o Governo de Transição" de 1977 e "Música, Moçambique" em 1981. Em 1979, filma para a RTP a série "Ivone – a faz tudo". Em 1980, "Kilas, o mau da fita", segue-se "Sem sombra de pecado", 1982, "Balada da praia dos cães", 1985, "A mulher do próximo", 1988, "Os cornos de Cronos", 1989, "Cinco dias cinco noites", 1995, "O Fascínio", 2003, "Viúva rica solteira não fica", 2006, "Os mistérios de Lisboa or What teh Tourist Should See", 2009, e o póstuma "Axilas", 2016. Em 1990 assina "Le Blocus", um episódio de longa-metragem sobre a 1.ª invasão francesa, integrado na série "Napoléon et L'Europe". No teatro, encenou em 2012, "O Libertino", no Teatro da Trindade. Entre 1992 e 1996 foi presidente do Conselho de Administração da Tóbis Portuguesa. Em 2000, foi eleito para o Conselho de Opinião da RTP. Foi ainda dirigente do Centro Português de Cinema e da Associação de Realizadores de Cinema e de Audiovisuais.

Morreu em Lisboa, no Hospital de Santa Maria, vítima de pneumonia, a 1 de Novembro de 2015, com 82 anos.



José Fonseca e Costa - o privilégio de estar vivo

O cineasta, realizador, entre muitos outros, do filme “Viúva rica, solteira não fica”, rodado na sumptuosa Casa da Ínsua, Hotel de Charme da Visabeira Turismo, fala de várias facetas da vida com a paixão que o caracteriza.

O que mais valoriza na vida?

O facto de estar vivo.

Qual o seu maior sonho?

A erradicação à escala mundial do fabrico de todo e qualquer material bélico.

E o seu maior pesadelo?

As guerras e o seu cortejo de desgraças.

Que características odeia nos outros?

A inveja, um dos sete pecados capitais segundo a Santa madre Igreja.

E em si próprio?

A melancolia ou preguiça, outro dos pecados capitais, tal como os que enumera e denomina São Tomás de Aquino

Qual a sua maior extravagância?

A extravagância de ser como sou.

O que mais valoriza nos amigos?

A amizade é em si mesmo um valor “inquestionável”...

Que livro gostaria de não ter lido antes, para agora ter o prazer de o ler pela primeira vez?

El ingenioso Hidalgo Don Quijote de la Mancha, de Miguel Cervantes.

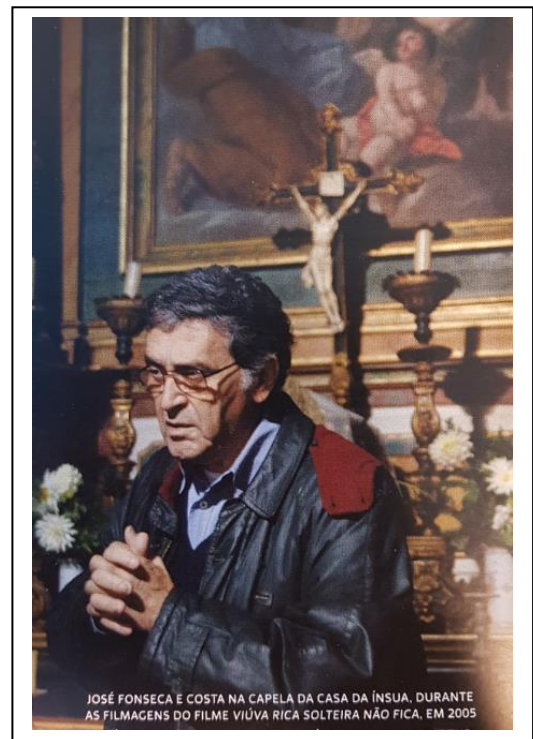
Que personagem de ficção gostaria de ter sido autor?

Harry Lime, tal como o concebeu Graham Green em The Third Man, papel desempenhado pelo Orson Welles no filme de Carol Reed com o mesmo título.

Filmou na Casa da Ínsua. O que mais o atrai nesta unidade?

A Casa da insua sempre foi para mim um lugar mágico, misterioso e romântico. Ainda continua a ser.

in VLife - Visabeira Turismo Magazine
Janeiro de 2010





José Fonseca e Costa – pela sua voz



Estreia esta semana o filme “Viúva rica solteira não fica”, do realizador José Fonseca e Costa.

O luxo enche o ecrã, só assim é que faz sentido a ideia que José Fonseca e Costa perseguiu com “Viúva rica solteira não fica”. Uma fantasia que ele próprio escreveu sobre o fim do século XIX português.

É um filme que corresponde a uma quantidade de coisas do meu gosto pessoal. Eu tenho um gosto muito particular pela ópera, pela opereta também, gosto muito da música do Ofenbach, o Eça de Queirós também era um grande admirador do Offenbach. Gosto muito do Eça de Queirós e do Camilo Castelo Branco. E todo o filme está escrito como se fosse uma homenagem, mas uma homenagem involuntária, eu só depois é que tomei consciência disso, uma homenagem aos dois e à maneira como retrataram aquela época e sobretudo a província portuguesa.

Todo o meu cinema está cheio de mulheres fortes. É um facto. Embora isso não seja muito reconhecido, aliás fala-se muito pouco no meu cinema, também não me preocupo muito com isso, mas a verdade é que há uma certa coerência entre este filme e os outros que eu fiz, embora aparentemente se possa pensar que não, mas ela existe.

RTP, 13 de Novembro de 2006

... o meu primeiro filme digital... ...fui o primeiro a filmar em digital em Portugal com a Viúva rica...

Fui o primeiro a filmar em digital em Portugal. Havia contra o digital, Meu Deus... O Manoel de Oliveira quando se falava em digital espumava, bufava por todos os lados. Isso é um criem... não sei quê. Um senhor chegou a proibir que, no Arquivo Nacional das Imagens em Movimento, fossem depositados materiais fixados em digital. O que é uma coisa lamentável, o Arquivo Nacional das Imagens em Movimento é toda a imagem em movimento seja em fita de nastro, seja em digital, seja em película. Ele proibiu isso durante anos.

Quando eu fui fazer o “Viúva rica solteira não fica” eu tinha encontrado um homem que era um velho trabalhador das coisas do cinema, que a certa altura tinha sido captado para fotografar telenovelas e que tinha sido obrigado a usar o digital, obrigado não, era assim. Então ele estudou a fundo o digital, apreendeu a pôr luz para aquilo, e passou a dominar tecnicamente aquilo como ninguém o fazia aqui assim em Portugal. Na altura de fazer o filme, o director de fotografia era o Acácio de Almeida, eu fiz três filmes com o Acácio. Acho que o Acácio é um director de fotografia muito sui-generis, porque sendo muito inseguro, ele é terrivelmente inseguro, ele está a pôr luz até ao último minuto, eu tenho que lhe dizer para eu vou mesmo filmar, não me chateies. Até ao último minuto ele está por mais qualquer coisinha à frente, a tal ponto é inseguro. Está sempre a tomar pastilhas, sempre a tomar comprimidos com medo que aquilo fique mal. Mas é uma excelente pessoa e o director de fotografia foi o Acácio e eu fui falar com o Acácio. Tu vais ser o director de fotografia, a responsabilidade da luz é tua, mas eu vou por a trabalhar contigo um homem do digital e ele é que te vai dizer com os aparelhos que tem, se tu podes filmar ou não! E então esse homem chama-se Artur Santana, ele já não está cá, ele formou-se na Argentina depois veio para cá, andou aí uma data de anos, andou por aí nas telenovelas, depois a seguir às telenovelas fez este filme e depois foi-se embora para a Argentina outra vez. O Artur Santana sentava-se com os aparelhos dele, o Acácio punha as luzes, e havia momentos em que o Acácio, eu escolhia o enquadramento e dizia o que queria fazer, aquilo passava-se num decor com muitas variações de luz, eu tinha salas muitíssimo iluminadas e tinha outras, enfim como era o caso no Viúva rica solteira não fica, o caso do interior da igreja em que não havia luz nenhuma, se acendesse uma vela. E o Acácio media com o seu fotómetro e dizia assim, impossível filmar. O Artur Santana vinha com os seus aparelhos de medida e dizia podes filmar à vontade. E filmámos à vontade e ficou tudo ccc a minha grande preocupação nessa altura era, eu tinha pesadelos, e caramba, isto são ficheiros, que chatice, isto não existe, e se isto se apaga durante a noite, e se isto desaparece tudo. Era a minha grande preocupação. Eu filmei aquilo tendo feito com o produtor um acordo. Está bem, eu uso o digital, monto o filme em digital e a primeira coisa que se faz depois de eu montar em digital é ir aos planos do negativo e cortar os planos do negativo e fazer uma cópia. Assim foi feito. Misturei o filme já com película. E depois exibi o filme em Espanha, depois de ter feito a mistura fiz uma exibição do filme para uns amigos meus espanhóis e para um distribuidor e eles achavam que eu tinha filmado em película. Quando eu lhes disse que aquilo era digital eles não acreditavam. Aquilo está de facto, a fotografia do Acácio é... do Acácio e do Artur é boa, pronto.

in Conversas à Pala / CINEPT



VIÚVA RICA SOLTEIRA NÃO FICA – notas pós produção

Rodagem: Casa da Ínsua, Outubro a Dezembro de 2005

Ante-estreia: Cine-Teatro Monumental a 30 de Outubro de 2006 com presença do Presidente da República.

Estreia: 16 de Novembro de 2006

Audiência: Uma das películas mais vistas no ano de estreia, 2006 com 12.353 espectadores

Edição em DVD: Atalanta Filmes em 2018

Plataforma de streaming Filmin: 25 de Setembro de 2020

HBO Portugal: 10 de Junho de 2021 (versão áudio português / legendas inglês)

Emissão na RTP 2: 2010 e 6 de Março de 2021

Emissão na Cinemateca Nacional: 23 de Dezembro de 2016

Emissão no Cineclube da Guarda: 27 de Março de 2007

Festival Cineport, competição, Brasil, 2007

Festival Internacional de Cinema do Funchal, homenagem José Fonseca e Costa, Portugal, 2007

Romance in Can Film Festival Miami, Estados Unidos da América, 2008

Fantasporto, Portugal, 2009

Nomeado para categoria de melhor filme dos Globos de Ouro, Portugal, 2007

Primeira candidatura a financiamento: 1998

Negociação da mudança da produção da "Take 2000" para a Madragoa Filmes: Dezembro de 2003 a 2005

Ano de produção: 2005

Cor / 2.0 Dolby Stereo / 35 mm / 2.35:1

Música: Jacques Offenbach, Johann Abraham, Peter Schultz, Thomas Bloch

Som: Vasco Pedroso

Imagem: Acácio de Almeida

Técnico de Imagem Digital: Artur Santana

Direcção de Produção: Cristina Santos

Produtor: Paulo Branco

Co-Produção: Clap Films (Portugal) e Plateua Produções (Brasil)

Distribuição: Leopardo Films

IMDb 6,7 / 10

VIÚVA RICA SOLTEIRA NÃO FICA – a memória no claustro

Filme de José Fonseca e Costa, rodado na Casa da Ínsua entre Outubro e Dezembro de 2005. Ante-estreia no Cine-Teatro Monumental, dia 30 de Outubro de 2006, com a presença do Presidente da República. Estreia nacional em 16 de Novembro de 2006. Edição em DVD em 2018 da Atalanta Filmes.



“*Viúva Rica Solteira Não Fica*”, um filme de José Fonseca e Costa, com:

Bianca Byington (*D. Ana Catarina*), Cucha Carvalho (*Mariana*), José Raposo (*Abade*), Filomena Cautela (*Miquelina*), Pedro Lacerda (*D. Jorge*), Diogo Dória (*Conde de Fallorca*), Rogério Samora (*Capitão Malaparte*)
Anton Skrzypiciel (*Williamson*), Ricardo Pereira (*Adriano*), Carlos Medeiros (*D. Francisco*), Carlos Nabais (*Manuel*)
João Vaz (*guarda-livros*), José Pedro Ramos (*Justino*), Manuel Pureza (*impedido*), Victor Espadinha (*Lourenço*)
Helena Vieira (*cantora de ópera*), João Maria Pinto (*Dr. Melo*), Luis Mascarenhas (*Dr. Santana*)

Um filme escrito por José Fonseca e Costa e Augusto Sobral com a colaboração de José Fanha, João Constâncio e Mário de Carvalho. Fotografia de Acácio de Almeida e som de Vasco Pedroso e Alfonso Pino. Montagem de Bob Williams. Guarda-roupa e cenários de Isabel Branco. Direcção de Produção de Cristina Soares. Uma co-produção de Portugal e Brasil através das companhias Clap Filmes e Plateua Produções. Participação financeira do Instituto do Cinema, Audiovisual e Multimédia, RTP, Programa Ibermídia e da Agência Nacional do Cinema. Apoio Grupo Visabeira.



“*Viúva Rica Solteira Não Fica*”, um filme de José Fonseca e Costa, estreado em 2016.
Edição em DVD da Atalanta Filmes em 2018.

Desde o dia 25 de Setembro de 2010 disponível na plataforma de streaming Filmin.